

# I – Geografia & História

## 1. Ambiente físico

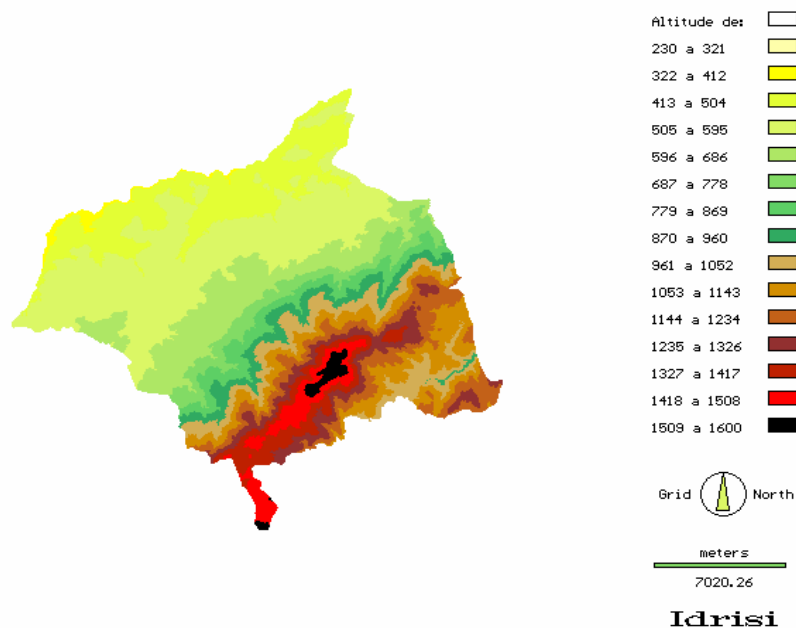
A temperatura média anual é de 13°C; nos meses mais quentes (Julho e Agosto) verificam-se temperaturas médias de 19°C e no mês mais frio (Janeiro) observam-se temperaturas médias de 6,4°C.

Em termos de precipitação, o concelho de Gouveia apresenta uma média anual de 1150 milímetros, valor maior do que a média para o continente. A distribuição da precipitação durante o ano é bastante irregular, verificando-se uma diferença forte entre um semestre húmido (Outubro a Março) e um semestre seco (Abril a Setembro).

Gouveia está incluída no maciço da Serra da Estrela, abrangendo por isso altitudes que variam entre a cota de 230 e 1600 metros. A morfologia do Concelho, como se pode observar através do MAPA I.1, condiciona a ocupação e utilização do solo, quer para fins agrícolas, quer para fins urbanísticos.

MAPA I.1

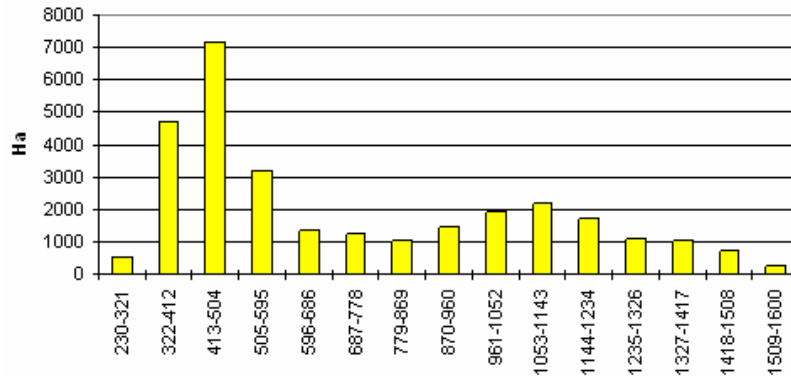
CARTA HIPSOMÉTRICA DE GOUVEIA



Pelo gráfico de altimetria (GRÁFICO I.1) podemos constatar que cerca de 15 000 hectares apresentam altitudes entre 300 e 600 metros, acentuando-se assim as características de planalto na zona norte-noroeste do Concelho.

GRÁFICO I.1

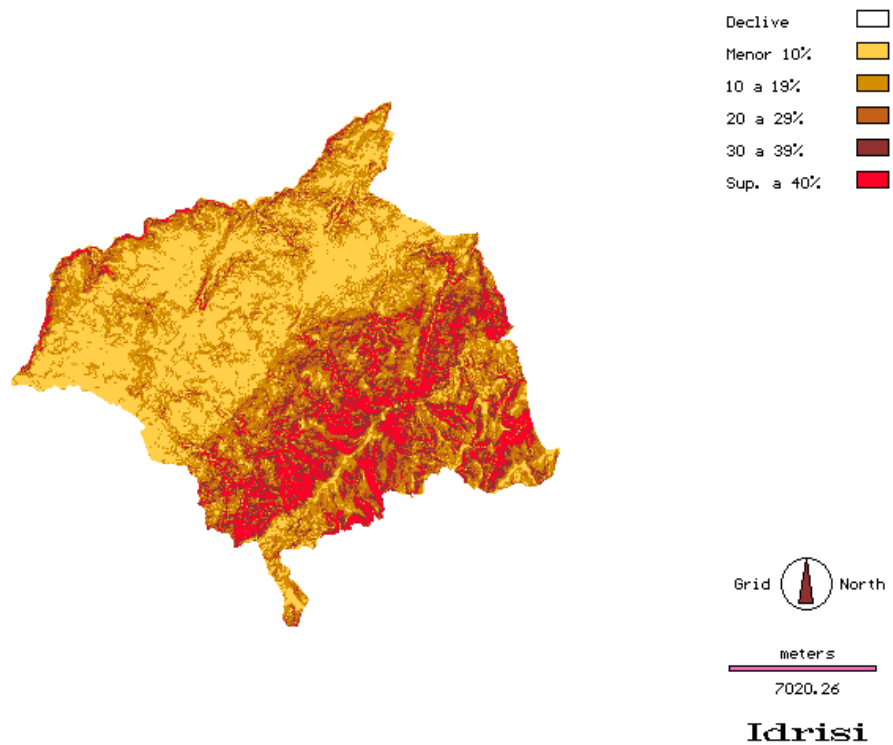
DIMENSÃO DA SUPERFÍCIE SEGUNDO NÍVEIS DE ALTIMETRIA



Fonte: Carta hipsométrica de Gouveia

MAPA I.2

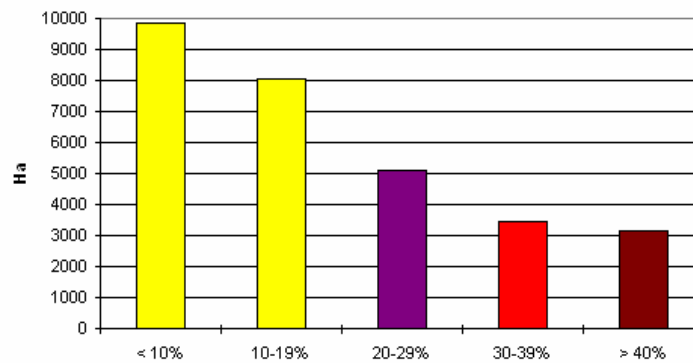
CARTA DE DECLIVES DE GOUVEIA



Como se observa da Carta de declives do Concelho e respectivo gráfico (GRÁFICO I.2) predominam as classes de declive inferior a 10%, com solos de boa capacidade de uso agrícola. A zona serrana estende-se a sudeste de Gouveia, englobando áreas situadas a altitudes superiores a 700-800 metros, onde dominam os declives superiores a 30%. Esta zona subdivide-se em duas vertentes orientadas no eixo sudeste/nordeste com uma estreita zona planáltica a cerca de 1400-1500 metros de altitude.

GRÁFICO I.2

NÍVEIS DE DECLIVE NO CONCELHO DE GOUVEIA



Fonte: Carta de declives de Gouveia

## 2. Contexto e evolução socioeconómica

O território concelhio engloba uma área de 300 km<sup>2</sup>, entre as cotas de 300 a 1500 metros acima do nível médio do mar. Apesar de estar localizado na vertente noroeste da Serra da Estrela, durante mais de um século este Concelho esteve integrado na Beira Baixa, aquando da reforma administrativa após a vitória liberal.

Gouveia é povoada desde tempos remotos, e de facto podemos constatar que já foi importante, tal como algumas das suas freguesias, que também já foram concelho. No século XVII, as actuais freguesias de Melo, Folgosinho e Ribamondego (Cabra) eram concelhos; Paços da Serra pertencia a C. Verde e, por sua vez, Figueiró, Freixo, Vila Franca e Vila Cortês eram lugares do concelho de Linhares; Lagarinhos, Cativelos e V. N. de Tazem faziam parte do concelho de Casal.

No século XVII, Gouveia possuía cerca de 6696 habitantes; em Melo existiam cerca de 1440 pessoas; na área de V. N. de Tazem viviam cerca de 1200 indivíduos; Arcozelo tinha cerca de 960 habitantes; em Folgosinho residiam 800 pessoas e em Moimenta habitavam cerca de 760 indivíduos.

## QUADRO I.1

POPULAÇÃO DO CONCELHO DE GOUVEIA NO FINAL DO SÉCULO XVII

Freguesias	Concelho	Almas	Fogos
S. Pedro e S. Julião	Gouveia	1816	520
Moimenta da Serra	Gouveia	760	190
Mangualde da Serra	Gouveia	200	50
Aldeias	Gouveia	440	110
Nabais	Gouveia	320	80
S. Paio	Gouveia	760	190
Rio Torto	Gouveia	400	100
Arcozelo	Gouveia	960	240
Nespereira	Gouveia	360	90
Vinhó	Gouveia	680	170
TOTAL (concelho Gouveia)	—	6696	1740

Freguesias	Concelho	Almas	Fogos
Paços da Serra	C. Verde	160	40
Figueiró	Linhares	320	80
Freixo	Linhares	140	35
Vila Franca	Linhares	160	40
Vila Cortês	Linhares	200	50
Melo	Melo	1440	360
Folgosinho	Folgosinho	800	200
Cabra	Cabra	720	180
Lagarinhos, Cativelos e V. N. de Tazem	Casal	1200	350
TOTAL (outros concelhos)	—	11836	3075

Fonte: Diocese do Distrito da Guarda

Desde o século XVII, em que a população do Concelho correspondia a 6696 habitantes, até ao início do século XX, a população quase quadruplicou. Como se pode observar do QUADRO I.2, entre os finais do século XIX e a instauração da República, num intervalo de 30 anos, ocorreu um aumento considerável da população que, segundo consta, foi superior à evolução média ocorrida no resto do País durante o mesmo período.

## QUADRO I.2

POPULAÇÃO DO CONCELHO DE GOUVEIA ENTRE 1878 E 1911

	1878	1890	1900	1911
Total Concelho	20607	22445	24327	25373
Vila Gouveia	2765	3116	3393	3494

No início do século XX, as freguesias do Concelho estavam ligadas entre si por uma boa rede de estradas. Para comunicar com o exterior, o Município era servido pela Estrada Real, que ligava Coimbra a Celorico, e pela distrital que, partindo de Viseu, passava por Mangualde e Gouveia, seguindo depois para Manteigas e Guarda.

O concelho de Gouveia beneficiou, ainda, da rede ferroviária nacional, através da linha da Beira Alta, possuindo uma estação a partir da qual foi possível o trânsito, nacional e internacional, de pessoas e mercadorias. Actualmente, esta estação tem a função de apeadeiro.

Hoje em dia, na perspectiva das acessibilidades com a região, entre as estradas municipais existentes merece destaque a EM522, que possibilita o acesso ao concelho de Seia e cuja utilização é muito elevada, uma vez que as deslocações entre Gouveia e Seia são muito regulares, embora haja ligações preferenciais com Viseu.

Apesar das muitas adversidades inerentes ao facto de se localizar numa zona onde se encontram as mais elevadas altitudes do País, Gouveia desenvolveu na mole granítica da serra toda uma “cintura” de vilas e grandes aldeias, entregues a um conjunto de actividades agrícolas e industriais. É de destacar que nos finais do século XIX e início do século XX, a então vila de Gouveia, juntamente com algumas freguesias do Concelho, se evidenciava dentro da região pelo dinamismo socioeconómico apresentado. Nessa época, existia um conjunto de famílias abastadas, ligadas por laços de parentesco geradores de solidariedade política, com força bastante para condicionar o poder local e influenciar de certo modo o poder central.

Os grandes proprietários eram, no entanto, uma excepção na realidade dominante da pequena propriedade. A agricultura continuava a ser, na maior parte das situações, uma actividade de subsistência, embora para alguns agregados familiares fosse um complemento de rendimentos com a conciliação de outras actividades: a pecuária, o pequeno comércio, o artesanato, o trabalho nas fábricas.

Nas terras baixas, até aos 600–700 metros, a vinha era uma riqueza, complementada com a produção de milho, batata e árvores de fruto. A batata e o centeio permaneciam nas terras altas, sobrevivendo o centeio a uma altitude de 1650 metros, enquanto a batata deixava de ser plantada acima dos 1200 metros.

A maior parte dos terrenos baldios concentrava-se nos lugares de maior altitude, inadequados para a agricultura, e, por isso, menos cobichados. No Verão, era para esses lugares que os pastores conduziam os seus rebanhos quando os pastos rareavam nas zonas baixas. Por isso, nos meses de Maio e Junho, os pastores, em especial os naturais de Aldeias, Gouveia, Paços e Moimenta da Serra, mediante licença, faziam a transumância do gado para outros lugares da serra, conservando-se aí até Agosto. Esses baldios também forneciam lenha e, por vezes, acabavam por ser terras de cultivo para quem não as conseguia obter mais férteis e acessíveis.

Nos anos 70, continuou o predomínio das culturas permanentes, como o vinho e os pomares, mas também as pastagens permanentes e os pousios após a colheita dos cereais. Gouveia apresentou nessa época um grande incremento em trigo e detinha 47,43% da produção do vinho dos quatro concelhos da sub-região integrada (Oliveira do Hospital, Seia, Gouveia e Fornos de Algodres).

Quanto às áreas de exploração florestal na classe superior a 20 hectares, Gouveia possuía o valor mais elevado da região, tendo o pinheiro bravo um papel importante. De facto, a mancha florestal do Concelho correspondia a 41,86% do total da sua superfície agrícola, percentagem muito próxima da das suas terras aráveis.

A desagregação da indústria transformadora revelava, por sua vez, um forte desequilíbrio, uma vez que a indústria de têxteis, vestuário e couro ocupava mais de 80% da mão-de-obra industrial. A falta de diversificação das actividades com matéria colectável no sector industrial traduzia-se na existência de três indústrias: têxteis, construções e obras públicas, e alimentação, das quais a indústria têxtil representava 90% do valor total.

Durante muito tempo, o Concelho encontrou-se de certo modo dividido em duas zonas, uma de influência industrial, outra muito mais rural. Entre as freguesias com tradição industrial temos Gouveia, Moimenta, S. Paio, Paços e Nabais com unidades industriais, e, por seu turno, Aldeias, Melo, Vinhó e Nespereira, devido à proximidade com as localidades referidas, e mais tarde Mangualde da Serra.

Nos anos 60, começaram a surgir muitos trabalhadores de outras freguesias, tradicionalmente mais rurais, como são os exemplos das gentes do Arcozelo e de Folgosinho. Esta mudança de contexto deveu-se, por um lado, ao facto de existirem movimentos sindicais com força e dinamismo, tendo o patronato sentido necessidade de procurar trabalhadores mais submissos que fossem menos esclarecidos, e, por outro lado, às dificuldades advindas da pouca rentabilidade agrícola.

Esta realidade trouxe consigo grandes diferenças ao nível do contexto socioeconómico, nomeadamente nas prioridades definidas pelas famílias. A importância da formação escolar dos filhos, através da aquisição de mais habilitações, era uma preocupação das famílias operárias, de modo a que os descendentes conseguissem um futuro melhor.

Na altura existiam três escolas em Gouveia, Escola Industrial (até ao 9.º ano), Colégio Nuno Álvares Pereira (até ao 11.º ano), e o Seminário (até ao 11.º ano), Seminário que já existe há cerca de 50 anos.

A análise dos saldos migratórios totais manifesta um forte êxodo da população, em especial na década de 1960, tendo por conseguinte a população activa sofrido uma diminuição acentuada nesse mesmo período. A emigração acentuou-se nas freguesias mais rurais, V. N. de Tazem (destino Zaire e Congo), Folgosinho, Arcozelo, entre outras, tendo como destino maioritário a França.

Nas localidades em que as pessoas podiam trabalhar nas fábricas a emigração ocorreu mais tarde, só depois do encerramento e falência das mesmas, quando os operários ficaram sem outras alternativas, tendo muitos deles como destino a Suíça.

### 3. Um passado cheio de riqueza

QUADRO I.3

DESCRITIVO HISTÓRICO DE GOUVEIA (1)

580 A. C.	– Fundação de Gouveia
1186	– D. Fernando I Magna (Rei de Leão e Castela) reconquista Gouveia aos Mouros
1186	– D. Sancho I concede Foral a Gouveia
1277	– Batalha de Gouveia
1496	– Construção da Sinagoga de Gouveia
1510	– D. Manuel I concede novo Foral a Gouveia
1625	– Filipe III eleva Manique da Silva a 1º Marquês de Gouveia – o brasão de Gouveia passa a ser o brasão dos Silva
1693	– D. Maria Ferreira cria Colégio de Jesuítas
1848	– Concessão de Visconde a José Freire Pimentel de Mesquita e Vasconcelos
1868	– Nascimento de Pedro Amaral Botto Machado
1875/78	– Construção do Hospital
1879	– Afonso de Serpa Leitão Freire Pimentel ascende a Conde
1880	– Transformação da Regência do Aljão em Associação de Beneficência de Gouveia
1904	– Fundação dos Bombeiros de Gouveia
1906	– Concessão do Título de Conde de Vinhó e Almedina, a António Homem Machado de Figueiredo Leitão
1911	– Fundação da Banda Sociedade Musical Gouveense
1916	– Criação do Rancho Serranas de Gouveia e Orfeão Infantil
1919	– Criação da Escola Primária Superior de Gouveia
1954	– Criação da Escola Industrial de Gouveia
1956	– Fundação do Seminário e do Convento

(1) “Conhecer Gouveia” autor José Guerrinha

A comunidade judaica de Gouveia data de meados do século XV, tendo sido fundada com uma pequena comuna com cerca de 50 judeus. No entanto, no final do século seriam já quase 200, tendo por isso sido construída uma sinagoga por volta de 1496, cuja pedra testemunha se encontra no Museu de Arte Sacra de Gouveia e constitui um achado valioso no património judaico nacional.

A comuna de Gouveia esteve muito associada ao trabalho da lã, uma vez que a vila oferecia a energia hidráulica necessária ao movimento das rodas dos engenhos. Com a expulsão dos judeus de Espanha, muitos refugiaram-se em Gouveia com o objectivo de intensificarem o trabalho dos lanifícios.

No Termo de Gouveia encontram-se muitas fábricas, hoje desaparecidas, e que entretanto existiram nas freguesias de Aldeias, Paços, Rio Torto, Melo, Freixo, Figueiró, e por secções em Vinhó e no Arcozelo.

No século XVIII, na época do Marquês de Pombal, deu-se início à actividade industrial do sector dos lanifícios, tendo esta apresentado um grande desenvolvimento durante o século XIX, existindo muitas fábricas artesanais de pequena dimensão. No entanto, a partir dos meados daquele século, unidades de maior dimensão foram crescendo nas margens das ribeiras, constituindo uma ameaça à pequena indústria já existente.

A actividade que trazia mais riqueza e reconhecimento a Gouveia era, sem dúvida, a que envolvia as operações de transformação da lã, a qual era *fruto de uma tradição ocupando braços que fiavam e teciam, em casebres de pastores*. Como operação preliminar, a lã era desengordurada nas águas límpidas, também aproveitadas para ajudar a mover os engenhos rudimentares. Os tecidos chegaram a ser encomendados para confeccionar as roupas da Ordem dos Franciscanos, que na altura correspondiam a milhares em todo o País.

No século XVIII, a classe poderosa, a burguesia, era designada de *comerciantes de grosso trato*. As figuras do Presidente da Câmara Municipal e do Juiz pertenciam à nobreza, e eram normalmente bacharéis; por seu turno, a burguesia acedia a cargos de vereação, uma vez que apoiava financeiramente a nobreza, entretanto falida. Neste cenário social, os operários investiam nas lutas pela conquista de direitos, nomeadamente pelo aumento dos salários. Havia muita miséria, até pelas doenças e epidemias frequentes; a tuberculose constituía um grave problema de saúde pública.

O crescimento da população operária em Gouveia sofreu um aumento acentuado; segundo declarações dos industriais do sector têxtil, chegaram a totalizar-se 541 operários em situação de permanência. Embora os lanifícios constituíssem o sector mais significativo da indústria, é de referir a existência de fábricas ligadas a outros sectores, como foi o caso de duas fábricas de balão veneziano que em 1907 empregavam trinta operários.

No século XVIII existiam fábricas em Moimenta, e nos finais do século XIX em S. Paio e Paços. Em 1830 existia a Fábrica Rainha, e em 1880 a Têxteis Lopes da Costa e a Bellinos. O tecido mais fabricado era a *saragoça*, embora também se produzissem outros panos: *briches*, *surro becos*, *baetas*, *cheviotes*, *casimiras*, *aveludados*.

Em 1864 existiam 16 fábricas de lanifícios: oito localizavam-se em Gouveia, três em Melo, uma em Moimenta, em S. Paio, em Rio Torto, no Freixo e em Figueiró. Estas empregavam 452 pessoas, 171 homens e 142 menores de 16 anos, 101 mulheres e 38 menores. Produziam, no total, 226 274 metros de saragoça, e tinham 2220 fusos.

No mesmo ano, em Manteigas existiam cinco fábricas, onde trabalhavam 165 pessoas, 28 das quais eram menores de 16 anos, dispunham de 1670 fusos, produziam em conjunto 71 488 metros de saragoça, 3200 metros de baeta e 300 metros de pano azul.

No concelho de Seia, também existiam cinco fábricas, que empregavam 259 pessoas, 143 menores de 16 anos. A gama de produção era grande, 80 320 metros de saragoça, 7260 metros de briches e 5700 metros de mesclas.

#### QUADRO I.4

##### PRINCIPAIS FABRICAS DE TÊXTEIS EXISTENTES NO CONCELHO

Fábricas	Trabalhadores	Fábricas	Trabalhadores
Têxteis Lopes da Costa	400 *	Álvaro Chaves	70
Sociedade Industrial	400 **	Cerca	70
Bellino	170	Vergílio de Oliveira	50
Prafil	120 ***	Sampainho & Lima	30
Estêvão Ubach	100	Rainha	*****
Tentação	90 ****	Alçada	*****

**Nota:** O número de trabalhadores apresenta-se em valores indicativos médios

\* Considerada como modelo

\*\* Surgiu da fusão de várias empresas

\*\*\* Estatuto PME Prestígio Indústria 96

\*\*\*\* Tem colecção de malhas com marca registada há 30 anos

\*\*\*\*\* Não se conseguiram informações sobre este indicador

Em 1880, Gouveia encontrava-se na quinta posição em produção industrial a nível nacional. No início do século XX, havia banqueiros e seguros na vila, o que representava a existência de muito poder económico e também de reputação social. A força dinâmica do sector têxtil de Gouveia só se comparava com a da Covilhã.

De facto, Gouveia teve energia eléctrica e iluminação pública em 1902. As barragens da Senhora do Desterro e da Lagoa Comprida foram construídas pela Sociedade Industrial, sendo já em 1919, a central eléctrica de S. Romão uma fonte de alimentação para a Sociedade Industrial, a qual chegou a ter entre 600 e 800 empregados. Estes factos revelam o grande poder económico da empresa.

*Na segunda metade do ano de 1902, 800 tecelões da indústria da lã pararam o trabalho para reivindicar a antiga tabela de preços. Desta vez todas as fábricas de Gouveia fecharam as portas. A greve durou todo o Outono desse ano.*

*Neste contexto também foram envolvidos os tecelões da Covilhã, de Manteigas e de Seia e até os industriais de algodão do Porto. O exército resolveu o conflito disparando sobre os grevistas, dois trabalhadores foram mortos, duas mil pessoas compareceram no funeral. Em Novembro, após três meses a greve acabava como muitas outras, os patrões cediam às reivindicações dos operários. Tanto as autoridades locais como o governo central do Estado evitaram intervir directamente, no entanto, enquanto guardiões da ordem, acabaram por favorecer os patrões e reprimir os trabalhadores nas ruas e praças. As greves ganhavam assim um sentido político.*

*Também as outras classes ligadas aos têxteis – percheiros, cardadores, pisoeiros, fogueiros, fiandeiros e atadores de fios – apresentaram as suas exigências: para além dos aumentos salariais, os grevistas reivindicavam ainda o fim dos serões e dos trabalhos ao domingo, alegando que tinham necessidade de dormir e de descanso como toda a gente.*

*Os ecos da greve ultrapassavam os limites dos povos serranos passando os episódios da luta a ser notícia de primeira página. (José Mattoso)*

Em 1920, foi construído o primeiro bairro operário, o bairro Bellino Velho. Depois, nos anos 40 e 50, apareceram os bairros do Farvão, Bellino Novo, S. Paio e Moimenta.

O Centro Republicano foi assumindo, por sua vez, um papel importante ao nível da instrução e da assistência social. A Associação de Classe dos Manufactores de Tecidos (monárquica) possuía independência política, apesar do Estado Novo exercer controlo sobre os sindicatos a partir dos anos 30.

Durante a II Guerra Mundial desenvolveu-se a exploração de volfrâmio em muitas freguesias, nomeadamente em Cativelos e Folgoso. A greve de 1946 foi muito importante porque gerou uma mobilização forte – durou seis dias e algumas empresas fecharam – tendo envolvido concelhos das encostas norte e sul da Serra da Estrela, Gouveia e Covilhã.

Os tecelões eram uma classe bastante reivindicativa, com massa crítica, e por isso de certo modo eram considerados elitistas pelos outros operários. Neste contexto, havia uma atitude proteccionista, de regime corporativo entre os industriais de Gouveia, de modo a evitar que a mão-de-obra barata se perdesse para outras fábricas ou fugisse para outros países.

O patronato da indústria de lanifícios beneficiou de uma forte influência e proteccionismo do poder nacional, quer do Ministro do Interior, Alfredo Santos Júnior, quer do Ministro da Justiça, Antunes Varela, que governaram durante o regime de Salazar, na década de 60. Santos Júnior foi médico dos trabalhadores de lanifícios, Presidente da Câmara Municipal de Gouveia, e mais tarde foi Governador Civil da Guarda. Era um homem bastante considerado pela população. Antunes Varela teve uma ligação próxima com Gouveia por razões familiares. Não foi por acaso que nas encomendas da produção têxtil do Concelho se incluíram os tecidos para as fardas do Exército português, durante a guerra colonial em África.

De uma forma geral, as empresas possuíam uma estrutura artesanal, tendo só nos anos 60 ocorrido uma remodelação significativa nas infra-estruturas fabris, ao nível do equipamento e de diversas máquinas. A renovação e transformação do sector deveram-se, assim, a uma série de factores que contribuíram para uma mudança radical: o surgimento da EFTA (Associação Europeia do Comércio Livre), com novas regras ao nível da concorrência, o êxodo masculino devido à guerra colonial e à emigração, que provocou uma abertura a novas mentalidades e por conseguinte novas necessidades, fruto do contacto com outras culturas. Esta dinâmica socioeconómica gerou assim um novo cenário também ao nível das exportações em grande escala, facilitadas pela modernização das máquinas e pela mão-de-obra barata, por ser essencialmente feminina.

A fábrica Têxteis Lopes da Costa tornou-se uma fábrica modelo ao ser gerida em parceria entre João Rocha e os japoneses que implementaram não só a utilização de nova maquinaria, bem como uma outra organização do trabalho e do relacionamento social entre o patronato e os trabalhadores. O destino maioritário de 90% da produção da Sociedade Industrial era o mercado externo, com especial incidência os países nórdicos (Suécia, Noruega, Finlândia, Dinamarca) e também o Exército. A fábrica Vergílio António de Oliveira, nos Moinhos da

Serra, em Nabais, por seu turno destacou-se por empregar as pessoas da própria localidade. É de realçar ainda que este sector foi pioneiro na igualdade das remunerações entre género para o mesmo escalão no nosso País.

Nos anos 70, ocorreu o início de um declínio irreversível do sector, que se deveu a diversos factores: a falta de competitividade com outros concorrentes, a ausência de protecção por parte do Governo e da Banca, a mudança de pessoas ao nível da gerência e direcção das empresas, e algumas conquistas sociais importantes conseguidas pelos operários à revelia do patronato, como foi o exemplo da existência de médico e cantina na Sociedade Industrial.

Em 1977, realizou-se uma proposta de estudos preliminares, coordenada pelo Prof. Francisco Caldeira Cabral, para o Plano de Desenvolvimento Regional da Sub-Região Integrada (Gouveia, Seia, Oliveira do Hospital e Fornos de Algodres), que consistia na análise física e económica do território, na pesquisa do sector etno-sociológico e, por último, numa proposta para o plano de desenvolvimento regional. É de realçar que o estudo tinha entre os seus objectivos específicos:

- *Realizar um inventário das instituições e do equipamento social, procurando retratar não só as condições em que funcionam, mas também a sua imagem junto da população;*
- *Identificar os líderes que pareçam susceptíveis de prestar um contributo válido tendo em vista um desenvolvimento harmónico e integral da região;*
- *Elaborar as linhas de acção julgadas susceptíveis de garantirem o máximo aproveitamento dos recursos, das poupanças, das instituições, do equipamento social e dos indivíduos, tendo em vista o desenvolvimento da região;*
- *Definir as linhas gerais consideradas susceptíveis de atenuar o impacto dos padrões e preconceitos culturais e sociais que determinam atitudes menos compatíveis com o estado de espírito aberto ao desenvolvimento.*